

O massacre imperial

Fotógrafos penam com seguranças

PEQUIM — Sob um frio de dois graus abaixo de zero, Fernando Henrique dedicou a manhã de ontem a visitar a Cidade Proibida, residência permanente dos imperadores nas dinastias Ming e Qing. Fechada durante 560 anos à visitação dos chineses comuns — só em 1966 Mao Tsé-Tung mandou abri-la ao povo — a cidade encantou o presidente e dona Ruth, que olharam com atenção os detalhes da suntuosidade de parte dos 720 mil metros quadrados registrados por Bernardo Bertolucci no filme “O último imperador”.

O passeio quase foi prejudicado pela truculência dos seguranças chineses, que brigaram o tempo todo com os

fotógrafos. Assustado com as cenas, bem na sua frente, Fernando Henrique acabou reagindo com bom humor:

— Issô aqui vai acabar conhecido como o massacre da Cidade Proibida — disse, numa comparação não de todo diplomática com o Massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989, até hoje um assunto tabu para as autoridades chinesas.

Em seguida, brincou com os fotógrafos:

— Esses seguranças são muito bons. Precisamos levar uns dois ou três para o Brasil. Teve um ali, que deu uma gravata no fotógrafo brasileiro, que vai voltar comigo.

Enquanto andava por algumas dos 9.999 cômodos do Palácio Imperial — entre quartos e salas — Fernando Henrique insistiu no tema:

— Todo segurança sempre acha que os fotógrafos vão matar o presidente. (R.F.)